

## A URGÊNCIA DE CONTAR:

RECENSÃO DE *CHOREI DE VÉSPERA*:  
*ENSAIO SOBRE A MORTE, POR AMOR À VIDA*  
ISABEL NERY. (LISBOA: A ESFERA DOS LIVROS, 2016)

MARTA SOARES

O que fazer quando a morte se aproxima tanto que lhe sentimos o hálito, quando viajamos até «ao único lugar onde nenhum humano moderno quer ir»<sup>19</sup>? Isabel Nery esteve nesse lugar, empurrada por um derrame cerebral que tardou em ser diagnosticado. Isabel Nery esteve nesse lugar, mas sobreviveu-lhe e contou o que viu, sentiu e pensou, num livro que entrecruza ensaio, reportagem e registo autobiográfico.

Jornalista, escritora e investigadora, Isabel Nery é autora de várias obras de não-ficção, como *As Prisioneiras: Mães Atrás das Grades* (2012), *Sophia de Mello Breyner Andresen: Biografia* (2019, 3ª ed.), ou *Cerco ao Parlamento* (2023), e de diversas reportagens, como *Vida Interrompida* (2011), fotorreportagem realizada com Marcos Borga no Hospital de Santa Maria com o intuito de recriar a perspetiva do doente internado.

No dia 10 de abril de 2009, Isabel Nery teve um Acidente Vascular Cerebral que, por negligência médica, não foi imediatamente diagnosticado. *Chorei de Véspera* descreve o longo percurso desde essa ida inicial às urgências até à recuperação, um sinuoso caminho onde couberam cinco dias de sofrimento, nova ida ao hospital (desta vez, com o devido diagnóstico), um período de internamento nos cuidados intensivos, com exames e tratamentos adequados e, por fim, o lento regresso à normalidade.

Simultaneamente informativo e emotivo, *Chorei de Véspera* convida-nos a refletir sobre a vida e a morte, ou sobre o que significa (sobre)viver enquanto se conversa com a morte. O testemunho que nos apresenta é especialmente significativo para a área das humanidades médicas pelo foco na perspetiva do

---

<sup>19</sup> Nery, I. (2016). *Chorei de Véspera: Ensaio sobre a morte, por amor à vida*. (Lisboa: A Esfera dos Livros), p. 151.

doente, tantas vezes secundarizada («Dos doentes poucas vezes reza a história, embora sejam os protagonistas do sistema», p. 42), ou, no caso da autora, desconsiderada aquando da sua ida inicial às urgências:

Tinha sido invadida – de sangue. Essa era a minha suspeita desde o primeiro momento, mas a confirmação só viria cinco dias depois. Cinco longos dias de sofrimento depois. Teria bastado que me ouvissem para os evitar. Mas a Medicina refugiou-se nas máquinas e esqueceu-se do Homem. Desconfia da sabedoria que não vem ligada a fichas. (p. 23)

*Chorei de Véspera* relembra aos profissionais de saúde a importância de escutar atentamente o doente, como é apanágio da Medicina Narrativa, enquanto desvenda a complexidade da experiência da doença. O registo factual e subjetivo de Nery traça um retrato pormenorizado dessa vivência, dando conta do modo como nos mergulha num imenso labirinto interior, com espaços de dor, medo, raiva e vulnerabilidade, mas também de esperança, força e humor: «pois é, podemos rir numa unidade de cuidados intensivos enquanto esperamos por sentenças de vida ou de morte» (p. 75).

Refira-se, a este propósito, a descrição do internamento hospitalar como um lugar de cuidado, mas também de clausura e alienação de nós mesmos, da nossa identidade, definida pelo que fazemos («Um jornalista fechado é como um leão enjaulado – perde-se da sua natureza e nunca para de engendrar novos planos de fuga», p. 79) e pelas pequenas liberdades quotidianas, desde tomar banho sozinhos a admirar a vista através de uma janela. Para Nery, a arte e a literatura (neste caso, a palavra escrita e a música) revelam-se vitais para se manter humana por lhe permitirem evadir-se do contexto hospitalar, «onde deixamos de ser donos do nosso corpo» (p. 57).

A voz narrativa de *Chorei de Véspera* ocupa um ponto intersticial entre a vida e a morte, o passado e o presente, a memória que permanece e o receio do esquecimento. É precisamente desse temor que nasce a urgência da escrita, uma necessidade que acompanha Nery não só como forma de se lembrar de si mesma enquanto jornalista e escritora, mas também como meio de inscrever o vivido

nesse lugar fronteiro, até mesmo durante a realização de uma ressonância magnética:

Daria bom uso ao Moleskine que me ofereceram no dia seguinte. Foi nele que registei esta ideia e tudo o que me viria a acontecer, incluindo as duas horas que passei dentro do túnel do aparelho de ressonância sem me poder mexer, mas sempre a escrever o que me ia na alma. (p. 43)

Essa posição intersticial é visível no próprio grafismo do livro, cujos capítulos apresentam uma página inicial negra, seguida de uma outra branca, que aponta para a coexistência entre luz e escuridão. Cada capítulo é introduzido pelas palavras de diversos autores, como David Mourão-Ferreira, D.H. Lawrence, Bertolt Brecht, José Régio, entre outros, uma constelação literária que se estende ao próprio texto de Nery, pontuado pela presença de inúmeras vozes, desde Michel de Montaigne a Fiódor Dostoiévski e José Cardoso Pires, aqui convocados como alento e apoio. Esta presença assídua de outras narrativas remete-nos, portanto, para o conceito de *companion stories*, ou «histórias de companhia», cunhado por Arthur W. Frank<sup>20</sup> para designar as histórias que nos acompanham quando a vida nos coloca à beira de um precipício, dando-nos uma noção de sentido, possibilidade e orientação.

Em última instância, *Chorei de Véspera* celebra a escrita como hipótese de fixação do «Eu» no fio da navalha entre a vida e a morte, onde arriscamos perder-nos de nós próprios. Aqui, a literatura assume-se como espaço de memorialização do grandioso e do mundano, cuja utilidade reside na sua aparente inutilidade, à semelhança da árvore na fábula referida por Nery, que não produzia frutos nem lenha, mas que dava – generosamente – uma silenciosa e reconfortante sombra.

---

<sup>20</sup> Frank, A. W. (2010). *Letting stories breathe: A socrionarratology*. The University of Chicago Press.